

PRÁTICAS ESCOLARES DO COLÉGIO SERÁFICO DE SANTO ANTONIO - CSSA (1941-1971)

José Roberto Morais dos Santos

Universidade Federal da Paraíba – UFPB
roberttomorais@hotmail.com

Resumo: O nosso estudo objetiva analisar as práticas escolares ocorridas no Colégio Seráfico de Santo Antônio (1941-1971), através das memórias de ex-alunos e documentos escritos disponíveis no acervo da Instituição. O Colégio funcionou durante 30 anos, formando mais de 1.400 alunos, com um currículo diversificado, abrangendo disciplinas de Português, Matemática, História, Religião, Civilidade, Francês, Inglês, Alemão, Grego, além de Educação Física, com ênfase para o Futebol, Voleibol, Basquete e Ginástica Olímpica. O estudo pauta-se na Nova História Cultural, a qual incluiu a discussão de novas temáticas a serem abordadas, dando voz a objetos e sujeitos que antes eram silenciados pela História dita tradicional. Dentre as várias reflexões desenvolvidas nesse estudo, pudemos concluir que o CSSA constituiu-se, com uma educação de cunho religioso, preparando alunos para a formação eclesial, porém nem todos os alunos se tornaram frades, tendo outras formações como advogadas, professores universitários, e várias outras profissões exercidas no norte - nordeste brasileiro, mediante um currículo e práticas escolares que enfatizaram uma formação religiosa.

Palavras-chave: Práticas Escolares, CSSA, Memórias.

Introdução

A Nova História Cultural – NHC, tem permitido, nos últimos anos, uma nova forma de investigação a sujeitos que antes eram excluídos da história clássica, oferecendo ao campo historiográfico novas conexões historiográficas e, ao mesmo tempo, em que tem proporcionado aos historiadores um rico espaço para a formulação conceitual.

Portanto, a História da Educação passa atualmente no Brasil por um desenvolvimento acentuado, e a História das Instituições educativas acompanha esse desenvolvimento, como podemos observar nas palavras de Burke (2005, p.61) “as experiências concretas, individuais ou locais reingressassem na história”. Vale lembrar que esta pesquisa contou com o auxílio da história oral como abordagem metodológica, tendo como fonte as narrativas orais, que, cada vez mais, vêm contribuindo com o campo da História da Educação, trazendo à tona novos debates de indivíduos, que antes eram renegados pela História Tradicional.

De fato a NHC trouxe consigo questionamentos e abordagens que nem cogitavam em fazer, “uma história vista de baixo, destacando escrita por homens livres, para homens livres” (Le Goff, 2012). Essa Nova História cultural se preocupou com a história vista de baixo, destacando o registro da história dos pequenos e daqueles que eram excluídos da história clássica, “agora é possível escrever história disso ou daquilo”, como afirma Pinheiro, (2011). O autor ainda reforça que o desejo de estudar qualquer coisa não é menos relevante que a história dos grandes homens e dos grandes acontecimentos”.

O presente estudo tem como objetivo discutir a contribuição da Nova História Cultural para o estudo das práticas do ensino confessional no CSSA, na cidade de Lagoa Seca- PB, no período de 1941 à 1971, ano em que essa instituição funcionou.

Desse modo, eis a particularidade e relevância deste texto em discutir ainda que de forma breve o movimento contrário à história tradicional, que enfatizava apenas à escrita linear e cronológica dos sujeitos que eram considerados como protagonistas históricos.

Ainda é válido destacar que a organização deste texto é resultante da produção investigativa desenvolvida no curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba (PPGE/CE/UFPB).

Fundação, ampliação e fechamento do CSSA e suas especificidades

Com o fortalecimento das ideias republicanas e liberais no final do século XIX, foi fortalecida também a ideia de um ensino laico, iniciando-se após a Proclamação da República. A partir de então, o ensino laico, oferecido pelo Estado, seria um contraponto aos colégios confessionais, que

eram oferecidos pela Igreja, pois, segundo Oliveira (1874), esta hostilizava e negava os princípios da civilização moderna, centrados nos modelos liberais e positivistas de sociedade e da educação.

A Igreja Católica tinha como dever o ensino católico e como principal projeto a formação de cidadãos católicos, regidos por princípios morais e revelados por Deus. Decretar a laicização do ensino seria colocar em risco todo um projeto religioso, que era pautado na fé.

Baseando-se nesse pressuposto, a Igreja Católica começou a desenvolver seu processo de recristianização, através da fundação de vários Colégios católicos, que, futuramente, se eximiriam da responsabilidade de uma educação pública do Estado, pois as classes dominantes desejavam para seus filhos e filhas uma educação tradicional, ofertada por esses Colégios. A citação de Saint Martin (2002) mostra esse cenário, pois

Trata-se de uma educação que procura desenvolver certos atributos que conferem aos jovens alunos das famílias católicas o sentimento de pertencer a um grupo que os posicionaria à parte dos demais alunos, devido à sua crença em suas qualidades religiosas. Esse sentimento ainda seria reforçado pelo próprio colégio que, centenário e com uma história a contar, legaria ao seu público e às famílias prestígio e distinção, ou seja, capital simbólico. Garantiriam reputação social, honra e senso de família, predicados essenciais para as famílias católicas pertencentes a uma sociedade que, na década de 1950, se encontrava em franca modernização. Por meio dessa ação pedagógica, as famílias Católicas conservariam sua posição, assim como manteriam a coesão, e a Igreja alcançaria seu intento: formar jovens católicos que se encontrariam nos postos-chave da sociedade, podendo-se concluir que as intermediações de Igreja, ação pedagógica e seus estabelecimentos de ensino e novas elites católicas – ex-alunos dos tradicionais colégios religiosos – têm pertinência. A seleção dos alunos, bem como a dos professores, também contribui para a realização dessa estratégia educacional. Permite, sem grandes percalços, que esses colégios deem continuidade à educação familiar que, desse modo, tem garantido uma escolarização marcada pela confiança e pelo conhecimento recíprocos entre pessoas do “mesmo meio”. A atitude pressupõe a existência de um só sistema de valores que, ao embasar as relações sociais no interior da escola, abonaria um tipo de educação escolar marcado pela homogeneidade social, aspecto basilar para a reprodução social das elites. E a maior prova de que o aluno estaria “no seu lugar” seria o fato de ser irmão, filho ou, ainda, neto de algum ex-aluno. (SAINT MARTIN, 2002, p. 134 *apud* CHAVES, 2012, p.522)

Por mais que a República propagasse a separação do Estado com a Igreja Católica, era muito forte ainda a influência de uma moral religiosa na sociedade brasileira. Isso desencadeou um processo, levando o regime republicano a

reconhecer a consolidação da Igreja nos serviços educacionais, prestados à população, para o progresso da sociedade. Assim sendo, Kulesza (2006, p. 88) afirma que:

é justamente a partir da proclamação da República que a Igreja no Brasil consolida sua hegemonia como agência formadora das elites dirigentes através da criação de inúmeros colégios católicos. [...] foi por meio do saber letrado que a Igreja católica no Brasil redefiniu seu papel na sociedade republicana, recuperando e ampliando o poder que detinha desde os tempos coloniais.

Tendo como principal objetivo a garantia e o fortalecimento da Igreja no Estado Republicano, a romanização fez uso de algumas estratégias, que foram desde a formação de um perfil de professor nos colégios confessionais, definido pelo Clero, até a circulação de conteúdos divulgados pela imprensa, que orientavam uma conduta moral e o perfil dos jovens. Assim, as escolas católicas disseminaram nacionalismo encetado pelo estado, na medida em que este reconhecia e admitia, oficialmente, as escolas católicas. Com a instituição escolar, o Estado Republicano encontrou um dos mecanismos para a construção de uma identidade nacional.

Quando a Igreja foi separada do Estado na Proclamação da República, e esta separação foi ratificada na constituição de 1891, não cessou, porém, a religiosidade imanente do povo. Logo, chegaram da Europa diversas congregações religiosas ao Brasil, com o intuito de, através de uma educação católica, corrigirem os “erros” de uma política liberal, propagados por uma educação leiga.

Dessa forma, inúmeros apelos foram feitos pelo então frei Antônio de Lellis, para a vinda de frades europeus, com o intuito de restaurar as províncias franciscanas daqui. Vindos principalmente da Alemanha, desde o ano de 1892. Assim, várias expedições chegaram ao Brasil e, pouco tempo depois, os conventos, antes abandonados, estavam cheios de frades novos e velhos, vindos do continente europeu.

Com o surgimento de novos conventos no Brasil e com as dificuldades que o mundo passava durante a Primeira Guerra Mundial, o frei Baltazar Fark, que estava passando suas férias na Alemanha e que acabara de ficar retido neste país em razão desse acontecimento, começou a trabalhar, pensando na criação de condições psicológicas favoráveis para a criação de um colégio Franciscano na cidade de Bardel. Mostrando compreensão pelo empenho do frei Baltazar, o frei Lucas Koch era o responsável pela Saxônia, exercendo a função de vigário provincial, e, no ano de 1921, conseguiu uma permissão da província da Saxônia para a compra

de um terreno em Bardel, para iniciar a construção de um Colégio Seráfico nesta província.

Com o funcionamento do Colégio de Bardel na Alemanha, continuava a chegar mais frades ao Brasil, para darem continuidade ao seu noviciado. No ano de 1924, chegaram a Olinda-PE seis novos Noviços, juntando-se aos freis Manfredo Pantenburg e Hildebrando Krutkaup. Ao todo, foram 35 clérigos que embarcaram para o Brasil no referido ano.

No ano de 1938, com a situação política e religiosa na Alemanha não muito favorável, foram suspensas as atividades do Colégio de Bardel, através de um decreto. No momento em que o Nazismo conseguiu fechar o Colégio Franciscano de Bardel, muitos frades alemães foram enviados para o Brasil, fugindo das ameaças de Hitler. Desta forma, foi deliberada a construção de um novo Colégio Seráfico, em lugar a ser definido, para que, desta forma, o ensino confessional continuasse em vigor.

Como uma das finalidades do Colégio de Bardel era o envio de missionários para o Brasil, principalmente nas décadas de 20 e 30, com o seu fechamento, começou a se perguntar o que seria dos demais colégios que dependiam do envio desses frades.

Assim, passou-se a buscar um lugar apropriado, que pudesse atender certas demandas que seriam necessárias para o funcionamento de um Colégio: teria que ser localizado próximo a uma cidade de maior porte, para que viabilizasse o acesso dos alunos ao Colégio, e com condições climáticas que se aproximassem do clima alemão, tendo em vista a adaptação dos frades que viriam de lá. Deveria ser um local onde a população tivesse bons costumes, ou seja, fosse uma população de cunho cristão católico e famílias bem constituídas, seguindo um padrão cristão (pai, mãe e filhos). Assim, buscava-se um local que atendesse esses pré-requisitos.

Conforme afirma Pereira (1999, p.79), “Grande foi a surpresa – diz frei Pedro – de encontrarem um local ótimo, com todas as condições desejadas, no lugarejo de Lagoa Seca, à época também chamado de Ipuarana”. Surgia, assim, o CSSA.

A chegada de tal projeto mobilizou a população local, que foi receptiva e acolhedora. No dia 28 de Novembro de 1939, os freis Lamberto Hoetting e Pedro Westermann foram os primeiros a chegarem em Lagoa Seca para ajudarem na construção do Colégio. No ano seguinte, o frei Manfredo Patenburg chega a Lagoa Seca. Em 28 de janeiro de 1940, o Arcebispo da Paraíba, Dom Moisés Coelho, cercado por uma multidão e por personalidades da época, como o prefeito de Campina Grande, Bento de Figueiredo, dava a bênção da Primeira Pedra e dos alicerces do Colégio.

No interior deste contexto, o qual permeia a ideia da fundação e ampliação desta instituição de ensino confessional, sobressai o

pressuposto de um ensino integral na formação de novos sacerdotes. Eis que em meados de 1941, surge o Colégio Seráfico de Santo Antonio.

Em abril de 1941, nos dois pavilhões levantados, começava a funcionar, em caráter provisório, o curso pré-ginásial, sob a direção de frei Gervásio Michels e frei Artur Reckers. As obras do Colégio Continuavam em ritmo acelerado com a construção da enfermaria, diversos quartos, novas salas de aula e um grande dormitório central, medindo 34m por 12m, flanqueado em cada lado por escadas que iam dar no piso inferior onde ficavam chuveiros e lavatórios e local destinado a guarda de malas dos alunos, tendo na área superior, ladeando cada escada, quartos destinados aos padres prefeitos. (MORAES e ALBUQUERQUE, 2009, p.38)

A população de Lagoa Seca percebeu a importância de tal obra na localidade uma vez que os seus moradores se mobilizaram na construção do Colégio, ela viu nesse Colégio a oportunidade de ter nessa localidade vários clérigos, e dessa forma intensificar as práticas religiosas na localidade.

A medida que o Colégio crescia o distrito de Lagoa Seca também crescia. Assim, percebemos que essa construção empregou muita gente, principalmente do próprio distrito de Lagoa Seca.

Contudo, nesse momento, a guerra influenciou na rotina do Colégio, tendo em vista que após a inauguração o colégio passou a ser alvo da hostilidade de alguns moradores, que viam como ameaça a presença de alguns frades alemães, tendo em vista que Brasil e Alemanha lutavam em lados opostos na Guerra. Lustosa (2014, p.40), menciona que “na cidade de Campina Grande, ocorreram depredações a propriedades pertencentes a pessoas de nacionalidade alemã, e também alguns se puseram em marcha para o distrito de Lagoa Seca a fim de atacar o convento fundado pelos franciscanos alemães”. Mas não lograram êxito, pois a população local interveio para proteger o Colégio. Alguns moradores acreditaram que a construção de tal empreendimento naquela localidade serviria mais para esconder os frades alemães do que para a formação de novos frades.

Então, com uma educação estritamente de cunho religioso, o Colégio Seráfico de Santo Antônio, passou a funcionar por completo, no ano de 1942, oferecendo um ótimo ensino, além da exigência e momentos de orações, o colégio tinha momentos em que os alunos praticavam esportes, passeios, leituras, aulas de teatro e música.

Este novo modelo de educação estava voltado para a formação integral de homens éticos, bons cristãos tendo como uma de suas principais finalidades a formação de sacerdotes para a Ordem

Franciscana do Brasil. Para Moraes e Albuquerque (2009, p.41), “o Colégio Seráfico teve grande contribuição na formação moral e educacional a centenas de crianças e jovens, geralmente escolhidas nas paróquias entre os mais pobres das regiões menos favorecidas do Norte e Nordeste do Brasil”

Entretanto, havia todo um processo para que os alunos fossem aceitos, a começar do ingresso no seminário como é mencionado por pesquisadores da instituição:

Para o ingresso dos alunos no referido Seminário, havia toda uma organização. Era preciso a recomendação de um padre ou alguém ligado à Ordem que o indicasse, conhecesse a família e a procedência do candidato a seminarista (ARRUDA e LUSTOSA, 2015, p.7)

O currículo proposto no Colégio Seráfico de Santo Antonio compreendia as disciplinas de Alemão, Grego, Religião, Latim, Francês, Português, Matemática, Moral e Cívica, História, Geografia, Ciências, Química, Biologia, Física, Organização Social e Política do Brasil, Liturgia, Desenho, Caligrafia, Ginástica, Música e Canto.

Estudar no CSSA exigia muita dedicação, pois lá existia um currículo diversificado, dedicado à formação de clérigos. Pereira (1972, p.16) relata que “o Colégio formou 184 alunos, onde: 39 são sacerdotes, 4 licenciados, 5 que se ordenaram como padres, 11 que se laicizaram 67 e 2 que faleceram. Há ainda 2 clérigos estudantes e os 6 que estão concluindo o secundário. Um faleceu ainda clérigo. Os 114, restantes saíram antes da ordenação”.

Era comum o distanciamento do Colégio com o distrito de Lagoa Seca, por se tratar de uma instituição confessional, cujo objetivo era a formação de novos clérigos, o isolamento das tentações mundanas era mais que necessário.

Figura1: Aula de Matemática.



Fonte: Acervo da Biblioteca do Convento Ipuarana, Lagoa Seca- PB

Podemos observar na imagem uma aula de matemática ministrada por frei Antônio Dantas. O inglês não era ministrado no Colégio nessa época, sendo introduzido a partir de 1953, quando se equiparou o curso ginásial ao curso oficial dos Ginásios brasileiros.

O ensino ofertado no CSSA, era o referente ao Seminário Menor, equivalente a sete anos, onde eram divididos em curso ginásial com duração de 4 anos e colegial clássico com duração de 3 anos. Havia dentro do currículo, um lugar especial dedicado ao Canto e a Música.

Figura 2- Coral do Colégio Seráfico de Santo Antonio- Convento Ipuarana



Fonte: Acervo da Biblioteca do Convento Ipuarana, Lagoa Seca- PB

Estudar no Colégio Seráfico de Santo Antonio, exigia muita dedicação, pois lá existia um currículo diversificado dedicado à formação de clérigos. Pereira (1999, p.68), relata que “o Colégio recebeu mais de 1.400 alunos, destes, apenas 72 chegaram ao sacerdócio; 30 perseveraram na Ordem, dos quais 5 já faleceram; 11 se ordenaram para o clero diocesano (padres seculares) dos quais um é Bispo; um é beneditino”.

O colégio começou a passar por algumas transformações com o correr do tempo. Transformações essas que culminaram com o seu fechamento posteriormente. Os dois principais fatores que contribuíram para isso foram: o primeiro, nos anos de 1960, quando começou a se desencadear uma revolução ideológica, cultural e tecnológica, com investimentos em pesquisas e conquistas espaciais. O segundo motivo, foi a vinda de professores leigos, pois boa parte dos frades desenvolviam trabalhos espirituais junto à população de Lagoa Seca - PB, aliando-se a esse fator o novo rumo que os alunos iam tomando, ou seja a massificação de leigos nas pastorais.

Por esses motivos a Igreja católica realizou o Concílio Vaticano II, sob o comando do papa João XXIII. Foi ele o agente de uma nova visão de conjuntura daquela época. Foi inspirado para efetuar urgentes mudanças para a renovação da Igreja, de modo a poder acompanhar os emergentes acontecimentos mundiais. As mudanças foram intensivamente sentidas no Colégio:

A falta de professores franciscanos obrigou a contratação em Campina Grande de professores leigos nos últimos anos de funcionamento, no caso, na maioria mulheres, o que certamente contrastava com a disciplina dos anos iniciais, quando em fila dupla, braços cruzados ao peito e cabeça baixa adentrávamos a igreja, proibidos de olhar para os bancos traseiros onde ficavam as mulheres. (MORAES e ALBUQUERQUE, 2009, p.42)

Diante desses acontecimentos e com o fechamento de outras Escolas Apostólicas nessa época, o Colégio Seráfico de Santo Antonio, não obtinha mais um sistema de recrutamento eficaz, recebendo candidatos sem a mínima vocação. Os frades mais novos já não se identificavam mais com a vocação de frade, pois uma das únicas carreiras que se tinha a seguir era a de ser padre, e com a urbanização, surgiram novas possibilidades de trabalho, não permanecendo mais a desculpa para não se ter o que fazer ou a falta de vocação e novos caminhos foram trilhados por esses jovens em diversas áreas.

Dos objetivos propostos pelo Colégio Seráfico de Santo Antonio, um dos principais não estava mais alcançando o resultado, isto é, a formação para a Ordem.

Diante desse acontecimento, os educadores passaram a discutir a situação da instituição juntamente com a direção provincial, fornecendo-lhes por escrito o parecer da situação. Alegaram que os alunos estavam sendo prejudicados ao invés de favorecidos pelo ambiente escolar, dessa forma naquele momento não havia mais condições para o funcionamento da instituição, pois a instituição que fora criada para a formação de um modelo de homem voltado para servir a ordem religiosa não estaria conseguindo cumprir esse papel, acarretando assim o seu fechamento. Todavia, não se deixa nunca de mencionar as contribuições da instituição para a comunidade, uma vez que:

Nem seus ex-padres deixam de contar pontos para Ipuarana, seja pelo tempo em que trabalharam como sacerdotes e religiosos (não raro eles foram bons sacerdotes e religiosos – e o bem que foi realizado ninguém pode apagar), seja como os demais ex-alunos, quando por sua vida profissional e familiar dão em seu ambiente um testemunho de fé cristã e franciscanismo. (REGO, 2000, p. 192)

Em dezembro de 1971, saiu o Definitório, resolvendo fechar por certo tempo o Colégio. Dessa forma, os alunos tiveram que voltar para suas cidades e os alunos que não demonstraram vocação religiosa, foram morar e estudar em Campina Grande – PB. A direção do Colégio preocupada com o espaço físico do antigo Colégio transformou-o num Convento. Hoje, podemos evidenciar que os resultados que o Colégio Seráfico de Santo Antonio, representou para aquela região foi de grande importância na obra de restauração franciscana e, até hoje, mesmo sem funcionar mais como Colégio Seráfico, o Convento Ipuarana, ainda é berço de reencontro dos seus ex-alunos, bem como uma referência para católicos de todo o estado e até mesmo do país, funcionando atualmente como um centro de encontros e convenções.

Considerações finais

O presente estudo defende que as práticas escolares, ocorridas no CSSA, estavam pautadas na formação de um modelo de ser humano seráfico, voltado para servir a ordem religiosa. Porém, nem todos os alunos se tornavam frades, quebrando, assim, os princípios norteadores daquela instituição.

Em outras palavras, a fundação do CSSA integrou um conjunto de necessidades para atender ao grupo franciscano face às transformações sociais em curso naquela época, a saber: a promoção da indústria de base, juntamente com a produção de bens de capital, a Igreja Católica passava por eventos significativos como o Concílio do

Vaticano, além da Conferência do Episcopado Latino Americano.

Dessa forma, especificamente, a ordem religiosa dos franciscanos veio corroborar sua supremacia, preparando jovens para a vida religiosa, que assumiriam, posteriormente, maiores responsabilidades com a vida eclesiástica, não apenas naquela localidade, mas em todo o mundo.

O Colégio Seráfico de Santo Antonio deu sua contribuição não só para a formação acadêmica, dos mais de 1.400 alunos que por ali passaram. Nesse sentido, ao menos para nós, fica claro a relevância da contribuição franciscana não apenas no campo educacional mas também no âmbito missionário. Precisamos enquanto pesquisadores ir atrás desses vestígios disponíveis, uma vez que se faz necessário desenvolver pesquisas nessas áreas para contribuir com o acervo bibliográfico já existente.

Sendo assim, podemos afirmar que o Colégio Seráfico de Santo Antonio ratificou, pelo menos em suas propostas uma educação não só confessional mas também humanística. Destarte, em nossa leitura, verificamos que a relação entre esta instituição e a implicação que a mesma deixou na vida de seus ex-alunos ainda é bastante íntima.

Referências

ARRUDA, G. L. de. LUSTOSA, K. da S. História da primeira instituição pública do município de Lagoa Seca- Paraíba. In: II CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CONEDU, 2015, Campina Grande, *Anais II Conedu*. Campina Grande: CONEDU, 2015. p. 1-12

BURKE, P. **O que é história cultural?** Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. CHAVES, M. W. O papel da igreja na educação escolar masculina na década de 1950. **Cadernos de pesquisa**. v. 42, n.146 p.518-537 maio/ago. 2012.

KULESZA, W. A.. Igreja e educação na Primeira República. In: MACHADO, C. J. S. & SCOCUGLIA, A. C. (Orgs.). **Pesquisa e historiografia da educação brasileira**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

LE GOFF, J. **História e memória**. Tradução de Bernardo Beltrão [et al]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2012.

LUSTOSA, Kelyana da Silva. **O convento e a cidade: a influência do Colégio Seráfico de Santo Antônio (Ipuarana) na cidade de Lagoa Seca-PB (1942-1972)**. 2014. 90f. Trabalho de Graduação (Graduação em História). Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande – PB, 2014.

MORAES, José Clotário Dantas de; ALBUQUERQUE, João Batista de. **Ipuarana 70 anos**. Recife: Editora Nossa Livraria, 2009. 414 p. OLIVEIRA, A. de Almeida. **O Ensino público**. São Luís: [s.n], 1874.

PEREIRA, Carlos Almeida. **Ipuarana 2000: Refazendo uma Caminhada**. Belém: [s.n.],1999. 98p

PINHEIRO, A. C. F. As novas abordagens no campo da história da Educação Brasileira. In: _____.; XAVIER, L.; TAMBARA, E. (Orgs.). História da Educação no Brasil: matrizes interpretativas, abordagens e fontes predominantes na primeira década do século XXI. **Revista Brasileira de História da Educação**, v.11, n.3(27), p. 153-182, set./ dez. 2011.

REGO, José Lins do. **Meus Verdes Anos**, Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2000, 6.^a edição. Cf. pp. 192.